

Abril • 2016
Ano 1 • Edição 3

REVISTA
TOCANDIRA

ARTICULAÇÕES

De *Escadaria a Ebulição*: um convite para ler Marcel Franco

Andressa Reis | p. 4-5

REVERBERAÇÕES

Poetas lançam manifesto literário comprometido com o global e o atual

Andressa Reis | p. 14-15

ENSAIO

Khalil Gibran e Paul G eraldy: arautos da *vie en rose*

Marcel Franco | p. 16-18

CONTA UM CONTO

Boa noite, mãe!

Marcel Franco | p. 19

POETIC RIO

Poema mágico;

Entre vazios

Cezar Ubaldo | p. 20

UBALDO:

UM GRAMSCIANO DO PALCO   POESIA

ENTREVISTA | p. 6-13

"...   preciso que o velho morra para o novo nascer..."



EDITORIAL

O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. (DRUMMOND)

Observando o que dizia o poeta mineiro, comprometido com a poetização real e interconectada com o mundo, é que apresentamos a terceira edição desta ferroada literária, a *Tocandira*. “Vamos de mãos dadas” tratar da literatura acontecendo no tempo presente.

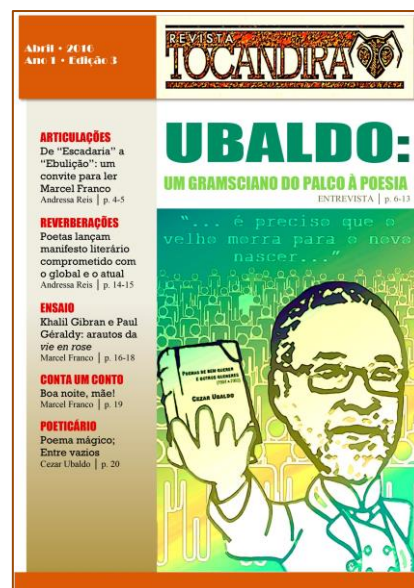
Primeiramente, faremos em *Articulações* (p. 4-5) um brevíssimo passeio sobre a obra de Marcel Franco (1983-), autor que, segundo a crítica, “descreve sua experiência do dia a dia, revelando momentos, imagens, situações da vida e seus desdobramentos no cotidiano de todos nós”.

Ainda sob o viés da manifestação da poesia engajada com a realidade humana, veremos na seção especial *Entrevista* (p. 6-13) os relatos do poeta Cezar Ubaldo (1950-) que falam do itinerário artístico do autor, no qual se visualiza um fragmento importante da nossa realidade brasileira, não muito distante (pós 1950), que foi vivenciado e que, sem dúvida, muito tem a nos dizer e contribuir para o nosso presente, não só literariamente, mas socialmente, culturalmente, etc. Ubaldo, assim como Drummond, não foi nem será “um poeta caduco”.

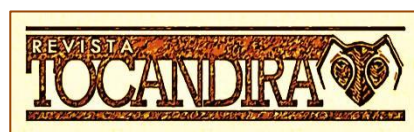
E, como não caducaram os empreendimentos artísticos tanto de Ubaldo quanto de Marcel é que, surpreendentemente, você verá o que anda fazendo estes poetas de hoje em *Reverberações* (p. 14-15). Ambos os autores consideraram esta nossa enorme Era Tecnológica e lançaram (junto com Vania Lopez) o *Manifesto da Poesia XXI*, e, com isso, vislumbram uma produção poética antenada com os avanços digitais, “as sociedades globalizadas, ao pensamento e aos modos de vida do homem contemporâneo”.

Para não dizer que não falamos de flores, a *Tocandira* traz também uma abordagem sobre os arautos da vida cor de rosa: Khalil Gibran e Paul G eraldy (p. 16-18). Os dois brilhantes escritores deixaram, em suas obras, significativas contribui es para vivermos um grande amor: o que, tamb em,   importante para continuarmos de “mãos dadas” neste mundo de agora tão desencantando afetivamente.

Tamb em faremos uma viagem pelo conto de Marcel Franco (p. 19), para não esquecermos que nós somos hoje graças ao seio que nos gerou: não   preciso viver cantando o passado, mas devemos lembrar, vez em quando, que temos um passado com alguém que nos motivou as nossas grande conquistas e que no leva a continuar nosso caminho por esse mundo de meu Deus. E, assim, com diz Cezar Ubaldo, na se o final (p. 20), quem sabe se façam “chuvas de luz” e um “verdadeiro despertar” na vida da gente.



EXPEDIENTE



Publica o mensal

Abril • 2016
Ano I • Edi o III

Coordena o Editorial e Gráfica
Marcel Franco da Silva

Colaboradores desta edi o
Andressa Reis; Cezar Ubaldo de
Oliveira Araújo.

Reda o
revistatocandira@gmail.com

REVISTA TOCANDIRA
Rua Vitória Régia, n  122
CEP: 66.825-535
Tapan , Belém, Pará, Brasil

Todos os textos são de
responsabilidade exclusiva dos
seus autores e não expressam a
opinião da revista.



CURTÍSSIMAS

Vencedora do Nobel de Literatura de 2015 virá ao Brasil

Foto: MAXIM MALINOVSKY / AFP



A famosa Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) deste ano contará com a presença da galardoada com Prêmio Nobel de Literatura de 2015, a jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch. A escritora lançará dois livros lançados no Brasil este ano, *Vozes de Chernobyl*, em abril, e *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*, em junho. Svetlana foi a primeira escritora cuja obra não se baseia em dramaturgia, ficção ou poesia a ser laureada com o Prêmio Nobel de Literatura. Em suas obras, ela costuma dar voz a pessoas que vivem em situação de risco sem que as informações passem pelo filtro de representantes oficiais que não são capazes ou não têm o interesse de divulgá-las. Suas obras abordam as vítimas do regime soviético e pós-soviético.

Adeus Imre Kertesz!

Foto: MAXIM MALINOVSKY / AFP



O escritor húngaro ganhador do Nobel de Literatura em 2002, que escreveu sobre sua experiência como um prisioneiro adolescente do

nazismo (no Campo de Auschwitz), Imre Kertész (1929-2016), morreu aos 86 anos no dia 31 de março, em sua casa em Budapeste. Entre suas principais obras publicadas no Brasil, destacam-se: *A Língua Exilada*, *Liquidação* (ambos pela Companhia das Letras) e *História Policial* (Tordesilhas).

Dia Internacional da Literatura Infantil

O dia 2 de Abril é reconhecido mundialmente como o Dia Internacional da Literatura Infantil. A data foi escolhida em homenagem ao nascimento do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, autor de histórias como *O Patinho Feio* e *A Pequena Sereia*, e que teve suas obras adaptadas em filmes de Walt Disney.

Abertas as inscrições para o Prêmio Cataratas de Contos e Poesias 2016

Estão abertas de 05 de fevereiro a 31 de maio de 2016 as inscrições para o Concurso de Contos e Poesias "Prêmio Cataratas" – Foz do Iguaçu. Podem participar do Concurso, escritores que encaminharem, via postal, à Fundação Cultural de Foz do Iguaçu um conto e/ou uma poesia, inéditos ou não, escritos em português ou espanhol. A ficha de inscrição e regulamento na íntegra está disponível no site <http://www.pmfi.pr.gov.br>. A temática e estilo são livres. O limite de cada Conto é de 6 (seis) páginas e o de cada Poesia é de 2 (duas) páginas. Serão conferidos prêmios em espécie para 1º lugar (Dois mil Reais), 2º lugar (Mil e quinhentos Reais), 3º lugar (Mil Reais), 1º lugar LOCAL (Mil e quinhentos Reais). Os prêmios serão oferecidos para as categorias "Conto e Poesia". Os 10 primeiros colocados de cada categoria receberão Certificado de Participação. O resultado do certame será divulgado na imprensa local, na Sede da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu e no site citado, a partir do dia 10 de agosto de 2016.

* * *



ARTICULAÇÕES | Andressa Reis

De *Escadaria* a *Ebulição*: um convite para ler Marcel Franco

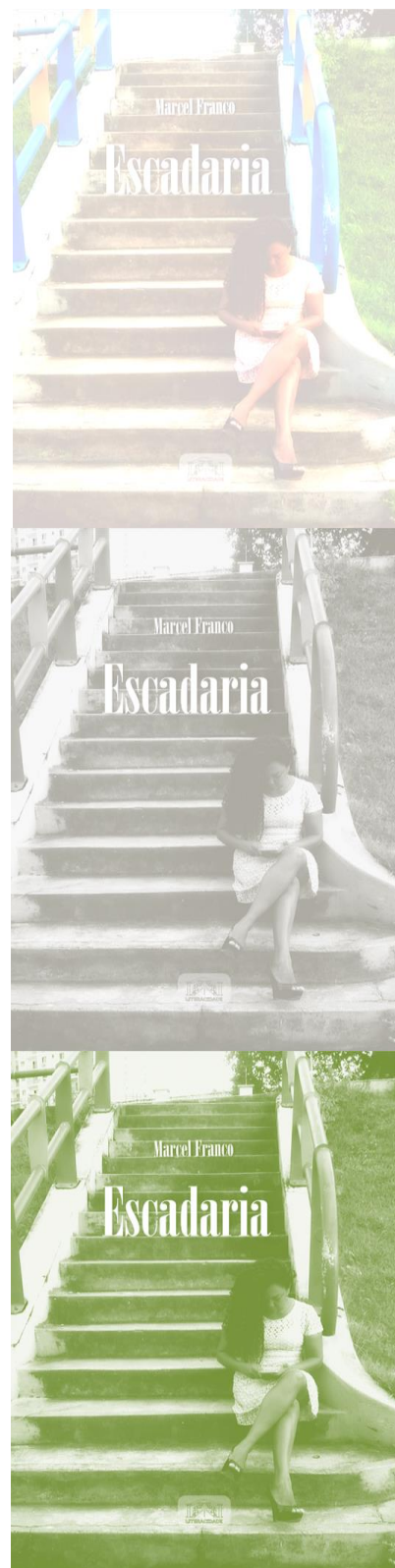
Em *Escadaria* (2015), assim como em obras anteriores, a poética de Marcel Franco expressa as características de um poeta que descreve sua experiência do dia a dia, revelando momentos, imagens, situações da vida e seus desdobramentos no cotidiano de todos nós. A poesia em *Escadaria*, mais uma vez, leva-nos a refletir positivamente sobre nossas atitudes, sobre o ir e vir através de nossas escolhas e “o subir e descer” mediante nossas decisões. O poeta tem sempre uma temática engajada; não se atém a somente um assunto, pois sempre nos instiga a refletir sobre a realidade (p. 58):

e
b
o
Homem s
Homem d
e
s
c
e
(Na es)cada (do) dia
e
c
s
a
Sol n
Sol m
o
r
r
e
(Na es)cada (do) dia

Neste poema, homônimo ao título do livro, vemos interpretada a realidade do ir e vir do cotidiano, de como estamos inseridos neste cenário social que se recria a cada nascer e pôr do sol.

Mas não é só isso, a poética de *Escadaria* não trata só do sentimento do ser que olha a vida do outro passando; por vezes, ela nos remete a um ser — que talvez sentado em uma escada, introspectivo e pensativo — passa a observar o que acontece dentro de si mesmo, revelando certo existencialismo, como se pode sentir nos seguintes versos de *Calvário* (p. 12):

Sacrifício noites
Me arrasto em chão de estrelas
Me dano, cão sem dono,
Sofro silêncios intermináveis
Comprimo o coração
Até a última gota
Me desespero na travessia





Da noite pro dia
E tudo em mim amanece
Mais só do que antes

Através desses e outros versos de Marcel Franco, a poesia definitivamente despertar em nós aquilo que mais nos emociona, o conhecimento do próprio eu e dos sentimentos mais íntimos que, por vezes, não sabemos (ou não conseguimos) expressá-los. Mas sua obra o apresenta o eu-lírico em seu autoconhecimento, mas em suas diversas sensibilidades humana, como compaixão, paixão. O amor próprio pode ser evidentemente percebido no decorrer dos seus textos, mas para falar desses sentimentos é preciso uma leitura bastante cuidadosa, sentimentalista, porém sem ser piegas. Ou melhor, para alcançar a poesia de Marcel é, digamos assim, importante termos uma criticidade sentimentalóide, para que possamos refletir sobre nós mesmos, nossos amores (principalmente aqueles não nos são correspondidos), nossas neuras e tantos outros valores que faz nos sentir, por exemplo, este seu poema *O Peso* (p. 47):



O peso da existência
O peso dos anos
O peso dos valores
O peso na consciência

O peso — aliado a gravidade —
Leva tudo à tona
O peso é produto da soma
Das experiências humanas

Para quem está acostumado a ler e ouvir Marcel Franco, com sua *Escadaria* pode se surpreender e adentrar um universo de suposições, produtos e cenários bastante complexos, bem diferente de obras anteriores (como o *Ebulição*, livro que ele renega autoria, pois o considera imaturo). No seu *Ebulição* (2008) encontram-se retratos da cultura e do cenário da região amazônica, mas nesta obra mais atual (2015), o autor subiu alguns degraus, talvez não para olhar mais longe, mas para observar de cima suas razões e estimulando a sentir isso, também, quem o lê.



Andressa Reis é professora, pesquisadora de literatura, licenciada plena em Letras/Português (UEPA) e pós-graduada (especialista) em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas (UFPA). Atualmente coordena programa de educação integral, numa escola da rede municipal, em Capanema/PA.

Bibliografia

= Do autor

FRANCO, Marcel. *Escadaria*. Belém: LiteraCidade, 2015. 76 p.

_____. *Ebulição*. Belém: M.J. Garrido, 2008. 31 p.

= Participação em antologia

PACHECO, Abilio (org.). **100 poemas 100 poetas**: volume 2. Belém, Literacidade, 2013. 56 p.

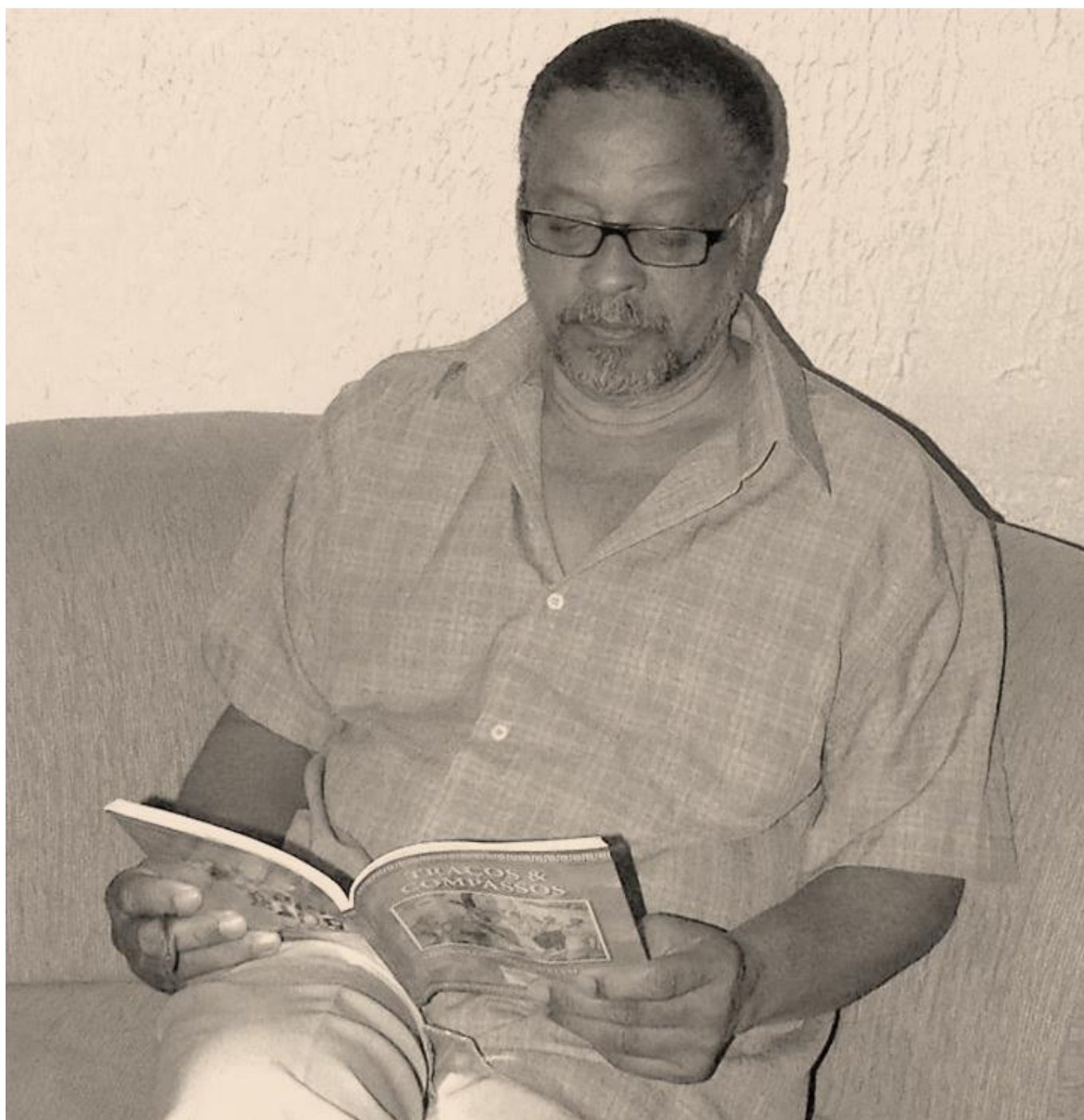
FRANCO, Marcel et al. **Verbos caninos**. Antologia do II Concurso de Poesia do CAL/UFPA. Belém: Morfo Editorial/UFPA, 2006. 77 p.



ENTREVISTA

UBALDO: um gramsciano do palco à poesia

▼ Ilustração: Cezar Ubaldo (Foto: Mônica Brito, 2013)



A Revista Tocandira deste mês homenageia um gramsciano baiano que vai do palco à poesia mostrando toda a sua versatilidade artística: o poeta Cezar Ubaldo de Oliveira Araújo ou apenas Cezar Ubaldo, como é conhecido. Nascido em 02/10/1950 na cidade de Feira de Santana/BA, Ubaldo é ator, diretor de teatro, dramaturgo, graduado em Pedagogia, leciona em instituições do referido município baiano e é membro efetivo da Academia de Cultura da Bahia. Poeta de “mão cheia”, engajado com os problemas sociais, sempre esteve atuante no campo das artes literárias e cênicas, além de possuir inúmeros trabalhos publicados em antologias.

Atendendo pedido da nossa redação, César Ubaldo concedeu-nos uma entrevista na qual o ele conta um pouco da sua história de vida, perpassando, rapidamente, a sua infância até os dias atuais: da sua inserção na literatura e nas artes cênicas; das suas experiências no período militarista de 1964; do seu engajamento social e preocupações com problemas cotidianos; dos seus projetos literários e interações com pessoas ligadas às artes. Esses são alguns dos enfoques que envolvem o diálogo que autor teve com o coordenador editorial da Revista Tocandira (Marcel Franco), pelas vias do aplicativo WhatsApp, no dia 31/03/2016 e que abaixo transcrevemos na íntegra.

Bem, Cezar Ubaldo, poeta baiano, eu gostaria saber de você quando começa a sua história na literatura e a partir de que momento da sua vida você se encontra nas Letras e encontra as Letras como uma forma de expressar a sua poética?

Essa minha trajetória ela tem início desde a minha infância, na antiga escola primária. É... Eu tive algumas excelentes professoras, da escola primária, e desde a primeira seria nos nós víamos na obrigação de leituras das histórias da literatura infantil, reconhecidas em todo o mundo: “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida” e por aí vai. E tínhamos que fazer as leituras e, também, interpretávamos personagens, isso foi muito gratificante pra mim. É... O meu primeiro poema foi escrito aos 14 anos de idade e o meu pai era professor também e ele era muito radical nesse sentido. De certa feita, num aniversário de uma irmã minha de 15 anos, ele fez um convite a um colega, também professor, poeta, Antônio Lopes e, nesse convite formulado ao poeta, na verdade o meu o pai queria apresentar a ele alguns poemas meus. O mais gratificante é que o poeta Antônio Lopes deu-me como resposta a seguinte frase: “Pena que você não é parnasiano!”.

De fato mesmo! Pena que você não é parnasiano! Eu sinto na sua poesia, Ubaldo, é que, por exemplo, no “Poema Mágico”, do seu livro

“Poemas de Bem Querer e Outros Quereres”, publicado no ano de 200, eu sinto o poeta engajado com a realidade social, com os problemas estruturais da sociedade. É como você mesmo diz, como “se bordoadas sofressem nas ruelas escuras, / se fizessem chuvas de luz / e fosse um verdadeiro despertar”. E nesse poema tem o símbolo da pomba, símbolo da liberdade assim como a condor... Eu sinto na sua poética, que é uma poética às vezes de denúncia, porque trata da também da questão da negritude, na qual você se insere, enquanto pessoa negra, não é!? Então o quê que você espera, o quê que você pretende ou mesmo o quê pretende essa sua poesia engajada nos dias de hoje?

Continuando... E aí eu ficava me perguntando: — E essas pessoas? Porque que não têm uma casa, não têm uma família, dormem nos passeios e etc. Isso foi me levando, juntamente com as leituras das peças teatrais, tudo isso foi me levando a formatar, digamos assim, uma concepção de vida, de homem, de sociedade. E o objetivo da minha poesia engajada e realmente tenho muitos trabalhos engajados politicamente, eles têm como objetivo a tentativa do “despertar”. Eu tenho algumas pessoas que gostam da minha poética e discutem, discutimos efetivamente com já aconteceu uma discussão no Curso de Letras da universidade aqui de Feira de Santana e isso me deixa extremamente gratificado perceber que alu-



nos da universidade, através da professora deles, é Andréia Araújo, eles se interessaram em fazer a leitura da minha poesia, a poesia relacionada à questão étnica, a poesia relacionada à questão nordestina, do sertanejo, das dores, enfim, as dores que o homem como humano passa, sente. Então essa é a minha poética, é o meu trabalho, é o que eu pretendo deixar de forma efetiva, pra que os de hoje e futuros leitores possam ter uma leitura exata da própria história e da história de cada um.

Por certo! E... eu lhe pergunto, ainda falando sobre o livro “Poemas de Bem Querer e Outros Quereres”, que foi lançado 16 anos atrás, por meio de uma seleção coletiva, como você mesmo já falou, eu acho que uma certa feita que foi um desejo de familiares e amigos e et cetera e lançou. Hoje se este livro fosse reeditado, se viesse a público, o que exatamente você acha que esse livro influenciaria nesse contexto em que estamos vivendo hoje, embora se saiba que seu livro muito da realidade, das dores, da negritude et cetera, mas hoje ele é uma voz, vamos dizer assim, ativamente política nesse panorama hoje que vivemos no nosso país, nessa situação tão efêmera da nossa política, porque haja vista que sua poesia é uma “poésie engagée”?

É, meu caro amigo,... na realidade e como você deve ter observado bem observado, no livro “Poemas de Bem Querer e Outros Quereres” foi realmente realizado por familiares, minha mãe, meus irmãos, esposa, filha, sobrinhos que se reuniram e selecionaram alguns dos poemas que cada um considerava, que gostava mais. Eu não tive, na verdade, com eu já houvera lhe dito, participação nenhuma e que foi uma surpresa. Mas... eu creio que você deve ter visto que no livro existem alguns poemas sim que têm um certo engajamento, né! Digamos, no caso étnico, “Como Negro Que Somos”, no caso político, “Poema Mágico”, temos um outro poema que eu falo de uma imagem, mas na realidade é uma questão que aborda comportamentos de pessoa, é... temos é... porque eu não estou aqui com ele, não lembro muito... Mas digamos assim de todos

os poemas, devo ter uns 10 poemas, não é, e provável... talvez eles talvez não tivesse engajado nessa “política” que se exercita hoje, que as pessoas exercitam hoje. Mas, na realidade, pra quem tem uma visão mais ampla do ser humano, uma visão mais abrangente do que seja a sociedade, alguns dos poemas serviriam sim como, digamos assim, âncora, não à totalidade efetivamente. E como eu já houvera dito a você no nosso primeiro contato telefônico que, por mim, muitos poemas não estariam ali se fossem pra efetuar uma segunda edição do livro. Como você pôde ver, eu te enviei entorno de sessenta e poucos poemas e, se não me engano, do livro têm o quê? Três ou quatro! Então é uma demonstração de que me parece maturidade também!



▲ Ilustração: Andréia Araújo e Cezar Ubaldo (Foto: France Kely, 2014).

Certo! Agora eu gostaria de ser pontual no poema “Como Negros Que Somos”, até porque você tange aí uma questão muito é, vamos dizer assim, visível em nossa sociedade, conflitante também a partir do próprio título “Como Negros Que Somos”, né! Aí você vai dizendo “Nós somos negros / E tão azuis quanto distantes!... / Nós somos o orvalho/ Das nossas manhãs restantes / Nós somos o fruto —menino / Sol radiante”. Gostaria que você explicasse essa sua concepção de nos entender enquanto povo brasileiro sendo negros, “como negro que somos”?



Meu querido amigo não é nada fácil! Eu posso lhe dizer o seguinte: já tive alunos negros que se consideravam morenos e aí abríamos uma discussão eu informando-lhes que a questão do ser moreno, do ser pardo e, da grosseria maior e ideológica, do ser mulato era apenas, como eu já disse, ideológica. Você tentar minimizar um problema seríssimo da separação étnica, das pessoas serem valorizadas ou desvalorizadas pela questão da cor da pele. Então isso... eu presenciei muito disso durante minha infância na minha cidade, muitas pessoas negras, eu sendo negro mas de uma família não tão pobre assim, mas eu vivia pessoas numa situação extremamente entristecedora e que não conseguiam compreender o porquê de tantas diferenças. Em sala de aula eu cansei de dizer que as diferenças existem em todos os aspectos, a começar pela questão do ser homem e do ser mulher, ser o alto ou ser o baixo, ser o magro ou ser o gordo. Então isso é tão diferente quanto o ser branco e o ser negro e muitas pessoas compreendiam e outras não compreendiam. Então no poema o que eu coloco é isso! Nós olhamos pro infinito, o cosmo, o quê que nos vimos? Tudo azul! Mas aquele azul e o negro por estar tão distante... a negritude do cosmo está tão distante que nós vemos o azul. Assim como os negros, eles muito retintos, nós os vemos azuis! A pele da cor, a depender da distância, ela fica azulada. E algumas pessoas davam risadas e diziam “que nada, rapaz!”. Eu dizia: “Prestem bem atenção que vocês perceberam!”. E no poema consta de uma luta, digamos assim, secular dos negros vindos de África, trazidos não como escravos simplesmente, mas homens não-escravos, homens escravizados pelo sistema de governo, trazidos a força para o nosso Brasil e durante centenas de anos, mais precisamente trezentos anos, eles foram escravizados. E não podiam mostrar a beleza de sua cultura, a beleza da sua culinária, todas essas coisas conjuntas. Então há uma necessidade sim de se discutir questões, digamos, eu vejo a questão do negro que deve ser tão bem discutida quanto a questão da agressão à mulher, a questão da agressão às diferenças sexuais. Tudo isso tem que ser discutido porque uma sociedade

que não discute seus problemas ela não é uma sociedade, ela se fecha num casulo e tudo se torna uma grande farsa na verdade. Então precisamos discutir sim, não importando o momento histórico em que estamos vivendo, porque sempre na história da humanidade passamos por períodos complexos, extremamente difíceis, seja no campo da política, seja no campo da economia, seja no campo do pensamento filosófico, não é? E temos com exemplo aí a própria Idade Média que foi um período obscuro, aí depois veio o Iluminismo, ou seja, a luz através das artes, das ciências, da literatura, etc. Então eu creio sim que esta poesia “Como Negro Que Somos” ela tem, na minha concepção, uma força muito grande, uma força de fazer com que, quem fizer a sua leitura, pense mais sobre a problemática citada.

Outra coisa que se nota bem nessa sua publicação é que foi uma organização, feita por familiares, que coletaram poemas seus durante 36 anos. O subtítulo de “Poemas de Bem Querer e Outros Quereres” é “1964 a 2000” e nos sabemos, evidentemente, que é um momento muito interessante porque exatamente na data de hoje, em que faço essa entrevista com você (31/03/2016), no dia 31 de março de 1964 ocorreu o Golpe de Estado e a instauração do Regime Militar ou Contrarrevolução de 64, como chamaram. Nesse momento em que João Goulart era Presidente do Brasil, estava em viagem a República Popular da China e os militares acusaram-no de ser comunista, inclusive eles embargaram Jango de assumir o regime presidencialista. O que me toca, como a sua poesia sempre foi comprometida, ao meu ver, socialmente e engajada, então pergunto se esses poemas eles têm esse recorte histórico? Não aparece explicitamente, mas eu subentendo que há uma denúncia social desse regime militarista que nós vivemos de 1964 até 1985... O poeta Cezar Ubaldo sofreu em função do Regime Militar? Os seus poemas funcionaram como instrumento de denúncia e você sofreu perseguição da Ditadura em função disso? Como foi esse processo, conte para mim!



Ah... Quando, infelizmente, eclodiu o movimento militar, o Golpe, na realidade um Golpe Militar, isso já de hábito na história brasileira, né. A Proclamação da República foi um Golpe, considerada um Golpe Branco. Todo mundo, o Marechal Deodoro e o Floriano Peixoto, amigos do Imperador (Pedro II), mas como o Imperador já vivia praticamente no declínio do poder e eles o convenceu a deixar o governo e partir pra Paris, juntamente com a Família Imperial, e assumiram o poder sem participação efetiva da população. Isso aconteceu... À exceção da Revolução de 30, em São Paulo, onde o povo esteve presente. De 1889, com a Proclamação da República, nenhum povo presente. 1964, quando se inicia o Golpe Militar, que foi dado, digamos, por figuras políticas, como Magalhães Pinto, cuja família é proprietária de banco, o mineiro; Antônio Carlos Magalhães, aqui da Bahia, né! É o Carlos Lacerda do Rio de Janeiro; um sem-número de políticos influentes, evidentemente, que se reuniram com o alto Comando das Forças Armadas e aí criaram o Golpe. Na verdade eu nunca fui preso, mas, de uma forma ou de outra, eu fazia teatro, além de escrever, fazia teatro e houve perseguição sim! Lembro-me bem que montávamos na época, 1967, a peça “A Revolução dos Beatos” do baiano Dias Gomes, famoso pelas novelas, com Odorico Paraguaçu (personagem) na televisão e nós tínhamos apresentado o primeiro dia de espetáculo numa sexta-feira, segundo dia de espetáculo e no terceiro dia não tivemos espetáculo. O quê aconteceu? Os diretores Nemésio Garcia, que foi assassinado, o presidente da Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santa, a SCAFS, Luciano Ribeiro, eles ficaram em pontos estratégicos avisando ao grupo de atores e atrizes que se afastassem e voltassem pra suas casas que a Polícia Federal e soldados do Exército estavam destruindo todo o cenário, pegando os panfletos, os programas do espetáculo e levando pra o Batalhão, do 35º Batalhão de Infantaria etc. Nunca deixei de participar como estudante, na época como estudante, estava sempre presente, participava de várias reuniões, ia pra rua, nos movimentos, mas, felizmente, nunca tive meu nome, pelo menos abertamente,

citado, nunca fui preso, felizmente, porque tive alguns amigos que foram presos, levados pra Salvador, levados pra outros Estados, torturados. Tive um grande amigo, colega de curso científico à época, que hoje é colegial, Luís Santa Bárbara, que foi assassinado junto com Lamarca. E aí a gente foi aprendendo ao longo de cada ano, a gente aprendia um pouco mais, os mais velhos, mais experientes nos orientavam bastante em relação a isso e agente foi sobrevivendo. Então na verdade, digamos assim, eu seria um dos sobreviventes desse momento que eu considero infeliz, mais um momento infeliz da história do Brasil, seja no campo político, seja no campo artístico-cultural.

“Na verdade eu nunca fui preso, mas, de uma forma ou de outra, eu fazia teatro, além de escrever, fazia teatro e houve perseguição sim!”

▼ Ilustração: Cezar Ubaldo (Foto: Irmã Teixeira, 2014)



Pois bem, querido!... E outra coisa interessante porque você é assim como eu, um homem que vem do século passado (XX), muito antes dessa política tecnológica, já que estamos falando de política, agora vamos falar da política tecnológica... Como foi pra você, querido, sair da datilografia, do mimeógrafo, você lembra bem, para [“entrar”] na Internet, no computador, nas redes sociais? Como foi isso? Você passou... você deve ter se assustado, assim como eu, e assim como talvez o Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa) se assustaria ao ver a (3ª) “Revolução das máquinas” na transição do milênio, né, do XX ao XXI. Então como foi esse processo pra você e o quê você acha importou e importa para a sua literatura, para sua vida artística?

Meu amigo... [risos]... Foi ótima essa aí, viu! Por incrível que pareça a minha irmã mais velha, ela me chamava de “Jurassic” e um outro amigo também, André, [dizia:] “mas Cezar não é possível! Você tem que ter celular, você tem que ter o computador e tal?”. Mas eu tinha um... eu colocava uma barreira, eu na verdade era apaixonado pela máquina de escrever, né! Eu tive uma Remington e eu adorava datilografar os poemas, colocar o papel, puxar, aquela coisa toda que hoje nós não temos com esse avanço tecnológico, não é! Mas, na verdade, digamos assim, existirá sempre um ponto de mutação, aquele em que nós precisamos nos transformar. Não há digamos, como você citou bem, nós saímos do século XX, eu vivi muito mais, a metade do século XX, já que nasci em 1950. Eu vivi 50 anos, meio século do século XX, já estou a 16 no século XIX. Então, na verdade, essa minha metamorfose precisava ser rápida, a aceitação teria que ser rápida, porque as pessoas ao meu redor já me faziam cobranças, então eu não podia deixar de lado. Eu não podia, digamos, continuar com a máquina de escrever, tendo que fazer uma revisão, sabe, detalhada e tal. Hoje digamos assim, a máquina nos ajuda a isso, evidentemente nós temos a obrigação de observarmos tudo direitinho e tal. Mas é m outro momento da história de nossas vidas, não é o último momento, é mais um momento de grande

importância, de grande significado para o próprio aprendizado de cada um de nós. Na verdade essa “rede” transformou a humanidade, as pessoas, digamos, você está aí em Belém do Pará, eu estou aqui em Feira de Santana, estamos aos extremos geográficos. Mas estamos nos comunicando de uma forma direta como se estivéssemos ao lado ou frontalmente, né, com o outro. Então essa é uma riqueza magnífica e precisamos fazer com que, a cada dia que passe essa rede seja melhor ainda, melhor utilizada pelas pessoas, como nós fazemos com o “Manifesto da Poesia XXI”, como nós estamos fazendo agora nesse nosso diálogo, nessa nossa entrevista, como nós fazemos em todas as ferramentas que nos são apresentadas e mostramos a público bem mais amplo o quê é nossa realidade: artística, literária, o nosso pensar político. Tudo isso é extremamente significativo, tudo isso é extremamente gratificante para o crescimento humano. Eu nunca deixo, quando tenho oportunidade, de citar o pensamento de Antonio Gramsci (1891-1937), o filósofo italiano assassinado durante a 2ª Guerra Mundial, quando ele diz assim: é preciso que o velho morra para o novo nascer [se “velho resiste em morrer (...) o novo não consegue nascer”]. Então chegamos a um ponto que não há volta! Daqui pra frente, evidentemente que não sabemos o que acontecerá, em termos de tecnologias, como você abriu a sua fala dizendo da política, não é! Eles se utilizam das mídias para atinjam um número muito maior de pessoas e envolvam essas pessoas com, digamos assim, as suas falácias.

Ilustração: máquina de datilografia, modelo Remington de 1969
▼ (Foto: Divulgação)



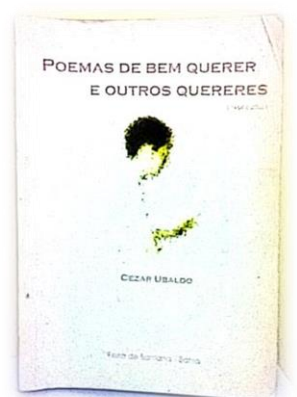
Estamos nos encaminhando a guisa conclusiva desse diálogo, mas antes, porém, eu gostaria de saber “Das Estórias de Pedro, o Coxo”: um poema seu que, posso eu estar enganado, que evoca a memória, parece até a sutileza crítica e memorial de um Brás Cubas, personagem do Machado de Assis, a quem estimo muito pela escrita. Você tem um quê de prosaico em versos, tenho, muita vez, a sensação de estar lendo seus poemas como se eles quisessem, por força estilística, tornar-se prosas. Qual a sua experiência com a prosa e você se dá conta dessa presença “machadiana nova” em suas obras, meu caro Cezar Ubaldo, “neo-Machado de Assis” — perdão pela a ousada analogia! —?

O Pedro é um personagem que foi criado por mim e que foi se ampliando e até se transformou em personagem de peça teatral, aqui, não minha, mas de um amigo José Jorge de Souza. É um personagem que na realidade faz parte do 1º poema e que se estende a cinco, seis poemas. As situações direcionadas a esse “Pedro, o coxo”, são situações que são muito vistas de ponta a ponta, não só no Brasil, mas em várias partes do mundo. Pessoas que têm as suas deficiências físicas, pessoas que por conta de uma deficiência física passam a ser um desconhecido, mal visto pela própria sociedade que não assimila os problemas, sejam eles físicos, materiais ou não. Então o que temos em “Pedro, o coxo” é isso: homem que vive nas ruas, tem os seus sentimentos humanos (...). é como se fosse uma espécie, digamos assim, de um “monstro”, um indivíduo extremamente frio que não se preocupa com quem quer que seja, inclusive com si mesmo. Então essa é a ideia que eu construí pra essa personagem “Pedro, o coxo”. Na verdade quando você faz citação da sutileza crítica de um Brás Cubas, personagem do excelente Machado, invocando o Pedro, eu só tenho a dizer o seguinte: é generosidade sua e até um exagero. É claro que nós que escrevemos temos que exercitar o melhor de nós mesmos pra fazer com que o público tenha nesse melhor um vislumbrar de novas perspectivas. Então assim como o amigo [Marcel], assim como Vania, o meu objetivo com

a literatura, com essa grandiosidade que é colocada pelo grande Marcel Franco, tudo isso se resume a um desejo de levar a minha maneira de pensar a um público que aos poucos vai sendo ampliado. Isso me deixa muito feliz como poeta, como escritor. Com relação à prosa, eu creio sim ser o meu estilo, desde quando eu iniciei. Na verdade, tenho poemas, poderíamos até chamá-los de clássicos (...), mas eu primo mais pela poesia com o sentido prosaico e isso vem desde a minha juventude e eu já havia me dado conta sim disso, dessa minha realidade de poeta nesse aspecto também, assim como me fez essa colocação uma outra pessoa ligada à área da literatura, mestra em literatura brasileira, Andreia Araújo, que tem o sobrenome Araújo, não é minha parenta, mas é minha filha do coração e eu sou o “pai” dela. Ela também me fez essa colocação, esse neo-machadianismo residente em algumas coisas que escrevo. Então isso pra mim é uma honra, assim como pra qualquer outro autor, qualquer outro escritor, é uma grande honra e me faz muito feliz, trazendo-me uma responsabilidade ainda muito maior, mais muito maior mesmo, no momento de escrever.

“Com relação à prosa, eu creio sim ser o meu estilo. (...) eu primo mais pela poesia com o sentido prosaico e isso vem desde a minha juventude e eu já havia me dado conta sim disso”

Ilustração: exemplar do 1º livro de Cezar Ubaldo, “Poemas de bem querer e outros querereres (1964 a 2000), capa de Danilo Arújo das Virgens, edição sem editora, Feira de Santana, 2000, 45 páginas.





▲ Ilustração: Cezar Ubaldo (Foto: Solange Gomes, 2013)

Em termos de produções futuras, como está esse processo artístico-literário? Algo em mente? O quê pretende Ubaldo nessa ardorosa caminhada das Letras, onde publicar é um negócio ainda caro e pouco negociável por parte das “máquinas de livros”, as editoras, que eu mesmo tenho uma relação de ódio e amor com elas? Há algum livro novo por vir? Diga-nos com está esse processo de preparação, de encaminhamento de suas obras literárias? Conte-me, também, desse Ubaldo produzindo hoje, suas temáticas e projetos vindouros, porque “ya lo pasado, pasado” e então me diga de agora em diante, quais são suas projeções?

No que se refere a produções futuras, como você sabe, eu estou trabalhando para a publicação do livro “Mirador”, com 65 poemas, os quais você já tem conhecimento. Eu não tenho uma preocupação em publicar anualmente ou a cada dois anos, bianualmente não! Eu prefiro publicar para um número maior de pessoas e, quando possível, fazer uma publicação. Mas digo sempre que tenho participado de inúmeras antologias, principalmente das antologias da Editora Pimenta Malagueta, de Salvador/BA, dirigida pela filósofa e escritora Miriam de Sales. O que eu pretendo

nessa caminhada da Letras, nessa ardorosa caminhada das Letras, é, na verdade, encontrar pessoas que tenham a sensibilidade necessária e que vejam na arte de escrever, na arte literária, na escrita da poesia, não apenas um negócio, mas um elo entre o físico e o material. Claro que precisamos pensar também nas questões financeiras, que são extremamente complicadas, à exceção, claro, da Miriam de Sales com a sua editora, que contribui bastante para a publicação de vários poetas, cronistas, contistas daqui da Bahia e de outros Estados brasileiros. Você sabe que publicar no Brasil, principalmente para nós que não somos cânones literários, é extremamente complicado. Nem todas as editoras abrem as portas e as que abrem são pequenas, evidentemente, e seus proprietários têm uma visão mais ampla da escrita, da importância da literatura pra uma sociedade. As editoras são muito fechadas, elas têm interesses muito peculiares: querem lucro! Então os cânones vendem muito, já são muito premiados, então eles têm uma facilidade de venda muito maior que a nossa, é claro! Mas eu critico as grandes editoras por conta de que é preciso o velho morrer para o novo nascer, com o diria o Gramsci. É necessário que elas trabalhem com novos autores, pensamentos mais próximos da realidade atual e tudo isso se faz necessário. As [minhas] produções recentes estão relacionadas com o livro “Mirador”, com a participação no “Manifesto da Poesia XXI”, tendo como parceiros o poeta Marcel Franco e a poetisa mineira Vania Lopez. Estamos aí procurando caminhos que, de uma forma ou de outra, se transformem em uma espécie de revolução, queiram ou não alguns. Sobre projetos, estou concluindo um prefácio para o livro da poetisa Beth Nascimento e, na verdade, continuo a escrever artigos para jornais eletrônicos aqui da cidade de Feira de Santana, como o “Viva a Feira”, o “Info Cultural”, e tenho momentos extremamente gratificantes com o Professor Mestre Marcel Franco e a poetisa Vania Lopez, além da própria Beth Nascimento, da Andreia Araújo, entre outras pessoas que estão envolvidas até o pescoço com essa vida literária, sem esquecer, é claro, a Miriam Sales.



REVERBERAÇÕES | Andressa Reis

Poetas lançam manifesto literário comprometido com o global e o atual

Os poetas Cezar Ubaldo, Marcel Franco e Vania Lopez lançam na rede social (Facebook), em fevereiro deste ano o **Manifesto da Poesia XXI** visando estimular a produção de uma poética que, de fato, esteja ligada “à nova era digital, às sociedades globalizadas, ao pensamento e aos modos de vida do homem contemporâneo. O documento apresenta um conjunto de orientações para a escrita de poemas associada com a “velocidade da informação no mundo atual”.

O “Poesia XXI” é uma proposta estética literária que vislumbra a ruptura de estruturas literárias arcaicas e procura mostrar o poeta com os pés mais na Terra, engajado com as questões sociais que vivencia e que compõem seu tempo-espaço. É como diria o poeta baiano Cezar Ubaldo, citando Gramsci, um ideal poético que faça o velho morrer para o novo nascer.

“O manifesto é mais um entre muitos que já foram lançados na história da nossa literatura, como o Movimento Pau-Brasil, Concretista, Surrealista, entre outros; mas é um movimento atualíssimo, não têm donos, apenas diretrizes e pode ser seguido por quem quer que seja, desde se atente as bases neles contida — afirma Marcel Franco, principal idealizador do “Poesia XXI”, que está organizando, em conjunto com os “Poetas XXI”, a primeira publicação/antologia do manifesto.

O principal meio de veiculação das suas ideias e produções é a Internet, mais precisamente a Fanpage www.facebook.com/manifestodapoesia21. No domínio é possível visualizar as produções poéticas XXI e contatar os poetas fundadores desse manifesto, que transcrevemos abaixo, conforme texto original publicado na Fanpage:



▲ Ilustração: Os “Poetas XXI”: Marcel Franco, Vania Lopez e Cezar Ubaldo (Foto: Divulgação).

MANIFESTO • DA • POESIA • XXI

A “Poesia XXI” é mais que uma nomenclatura que justifica o fazer poético no curso deste vigésimo primeiro século da Era Comum; é, sobretudo, a poesia conectada à nova era digital, às sociedades globalizadas, ao pensamento e aos modos de vida do homem contemporâneo. Deve-se, portanto, considerar esses pressupostos fundamentais para o manifesto poético que ora se estabelece.

O poeta XXI começa por assumir uma responsabilidade total perante as linguagens contemporânea, tecendo seus poemas com base no antigo conselho escolástico aplicado à eloquência e que tão bem se adapta a velocidade da informação no mundo atual: “Esto brevis et placebis” (Sê breve e agradares). Destarte, o poeta XXI não deverá ultrapassar o máximo de 21 (vinte e um) versos/linhas em sua produção escrita, lembrando que o número em questão faz direta menção à proposta deste manifesto.

A poesia XXI não deve ser sob nenhuma hipótese uma poesia carregada de explicações; é um instrumento de provocação, que fará o leitor buscar sentido ao que está escrito (ler através dos signos os saberes que estão implícitos). E, para mais fustigar a curiosidade leitora, o poeta XXI poderá, também, valer-se de imagens, símbolos e palavras, à semelhança do procedimento concretista, lançado em meados do século XX.

Embora se aceite à fuga da realidade em dados momentos, a poesia XXI, no seu conjunto, jamais deverá perder seu foco: registro do momento atual, da realidade vivida pelo poeta, tendo uma predileção por temas que envolvem o mundo globalizado de agora. O viés romântico-simbolista é permitido desde que ele seja expresso sem pieguices e lirismos desbragado, como fazia Vinícius de Moraes. Pode ser romântico de forma criativa e sugestiva, como na seguinte exemplificação: “Meu



peito, anda a procura de chips, qualquer driver que lhe traga delícias azuis”.

O poeta XXI rompe estruturas arcaicas, não produz sonetos, haicais, rimas demasiadas; ele é livre, deve versejar em branco e, se alguma rima acontecer, foi apenas um acaso, mas não um elemento constante em sua obra. Além disso, a poesia XXI poderá, opcionalmente, apresentar o uso de minúsculas e linguagens típicas dos meios tecnológicos, tais como: “vc”, “S2”, “tb”, etc. A capacidade de (re)criação da linguagem em uso não tem limite no seu fazer poético.

A produção poética XXI debruça-se sobre a seguinte máxima drummondiana, expressa no poema “O poeta come amendoim”: “Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der”. Logo, o poeta XXI não cairá sob as amarras do regionalismo, mas tratar do seu espaço com vistas ao universalismo, a imensa rede global em que suas ideias/leituras alcançarem: é como se pensasse, por exemplo, os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos de forma análoga ao confronto entre traficantes e Exército Brasileiro no Complexo de favelas da Maré, em 2015.

Por fim, a poesia XXI servir, também, como instrumento de denúncia social, não se calará diante de forma de horror, repressão, discriminação de cor, de gênero, de posicionamento religioso/filosófico/cultural. E digamos a nossa poesia XXI: Se tens boca, então fale, grite, vomite àquilo que é preciso ser dito para a expansão da consciência e melhoria da nossa humanidade!

E é com as nossas mãos enfiadas na argila dessas linhas que damos forma, origem e imortalidade à Poesia XXI, a qual não se restringe a seus lugares de origem ou dado grupo de poetas, desde que sejam acatadas as bases vigentes neste manifesto, que segue assinado pelos seus poetas idealizadores.

Belém (PA), Feira de Santana (BA), Pouso Alegre (MG),
23 de fevereiro de 2016

Marcel Franco

César Ubaldó

Vania Lopez



Ilustração: Símbolo do Manifesto da Poesia XXI (Arte digital de Marcel Franco)

Primeiros versos da Poesia XXI

ESCANDALIZO!

quero te nascer pelos fios,
milênio ainda novo
ser-te em todos os entrelaces
possíveis e inimagináveis
com-puta-dor escancarada
gritando nas veias sociais:
— ó Eco incrível, ó Eco incrível
não me digas que sou Rosa imbecil
porque agora broto onde os olhos
precisam alcançar meu escândalo
de homem, meio sírio nas germânicas,
refugiado, angustiado, quase nada
depois de tanto nados...
alá de nós tem piedades!!!

Marcel Franco (PXXI)

ORDINÁRIOS & EXTRAORDINÁRIOS

entre disputas e tréguas
voaremos desembestados
num rabo de foguete
ordinários & extraordinários
pelas tardes de papel
dois versos partidos
e um apanhado de verbos
ao vento aos berros
a pureza de Jesus
e a genialidade de Satanás
o pão, a fome
e uma pitada de sal

Vania Lopez (PXXI)

LITURGIAS LITERÁRIAS

toma da manhã, quiçá da noite, o trago
e escreve, mesmo sobre escombros,
das escolas e bibliotecas as palavras
que fazem renascer
e acrescentar à leitura
dos teus verbos nossos verbos
o que insanos homens
não sabem conceber:
a poesia renascida
da faca, a pedra da água
que se toma da liturgia literária
e que se manifesta...

César Ubaldó (PXXI)



ENSAIO | Marcel Franco

Khalil Gibran e Paul G eraldy: arautos da *vie en rose*

O escritor liban es Gibran Khalil Gibran (1883-1931), mais conhecido com Khalil Gibran,   amplamente reconhecido e admirado por milhares de pessoas no mundo, devido ao seu grande legado nas áreas do conhecimento humano, enquanto ensaísta, filósofo, prosador, poeta, conferencista e pintor. Indiscutivelmente, Khalil Gibran fora, em sua época e até hoje, mais notado (lido) que seu contemporâneo ocidental, o dramaturgo e poeta francês Paul G eraldy (1885-1983), que tinha por pseud nimo “Paul Lef vre”.

  demasiado importante considerar, pois, o conjunto literário desses dois escritores brilhantes que marcaram uma época de *belles histoires d’amour*. Diferentemente daquela idealiza o amorosa dos escritores românticos eg ticos dos séculos XVIII a XIX, que, com assinala Alfredo Bosi, percorriam “os meandros do extremo subjetivismo,   Byron e   Musset. (...) poetas mortos antes de tocarem a plena juventude, (...) exemplo[s] de toda uma temática emotiva de amor e morte (...)” (BOSI, 2006, p. 109)

As obras de Gibran e G eraldy superam esse ideal romântico (*spleen* e *mal du si cle*) de existência doentia e artificiosa, perdida no próprio na narcisismo (IDEM, p. 93). A obra deles não   uma idealiza o “um ‘tête- t te’, uma conversa ótima de namorados falada e escrita”, como diria Guilherme de Almeida, em 1932, no prólogo da 1  edi o do livro “Toi et Moi”, de Paul Ger lly¹. Tanto Khalil Gibran quanto Paul G eraldy assume em suas obras o tom da lírica confessional, revelam “sua alma quando ama”, como exp  Paulo Coelho no prefácio de “Cartas de amor do Profeta”, de Khalil Gibran².



▲ Ilustra o: Khalil Gibran e Paul G eraldy (Foto: Reprodu o)

Numa viagem pelas “Cartas do Amor do Profeta” (K. Gibran) e pelos versos de “Eu e Você” (P. G eraldy), adentramos no universo real da rela o afetivo-amorosa, como se estivéssemos vivenciando as efervesc ncias apaixonadas desses autores, embora se trate de produ es textuais distintas (correspondências e poemas) e de conteúdos diversos, pois em “Cartas de amor do Profeta”, Khalil Gibran não há somente expressões do ótimo amoroso³, mas tais características são, sem d vida, dominantes em seu texto (assim como no “Toi et Moi” de Paul de G eraldy).

No trecho da carta de Khalil Gibran a Mary Haskell, de 10 de novembro de 1911, o autor diz: “Ninguém pode conviver sozinho com a beleza que   capaz de perceber. E quanto a nós dois, que buscamos o Absoluto, e que construímos um jardim usando a nossa própria solidão, a Vida nos

¹ Cf. G eraldy, Paul. Eu e você. Tradu o de Guilherme de Almeida. 22. ed. São Paulo: Nacional, 1991. p. 9.

² Cf. Gibran, Kahlil. Cartas de amor do Profeta: adapta o [e tradu o] de Paulo Coelho. 5. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

³ Kahlil Gibran e Mary Haskell mantiveram intensa correspondência por mais de vinte anos (1908-1931), e o registro desses encontros percebe-se em “Cartas de amor do Profeta”, no qual o autor conversa sobre arte, literatura, filosofia, religião e outros temas, como amigos, f milia e a condi o da sua saúde.



deixou a imensa paixão para aproveitar cada instante, com toda a intensidade” (GIBRAN, 1990, p. 25). De outra forma, mas com mesma intensidade, diz Paul G eraldy: “Podíamos jamais nos conhecer talvez! / Meu amor, imagine, pois, / tudo isso que a Sorte nos fez / para estarmos aqui, para sermos nós dois! / ‘Nós fomos feitos um para o outro’ — diz você. / Mas pense no que foi preciso se interpor / de coincidências, para que / pudesse haver apenas isto: o nosso amor!” (G ERALDY, 1991, p. 40-41).

Os dois são escritores que externalizam o amor em suas múltiplas formas, principalmente o amor dolente, que cresce com a saudade, com a solidão e a cada momento em que o tempo e os contratempos da vida comum põem às distâncias a pessoa amada. Isso   muito bem apontado na obra gibraniana, conforme as linhas da carta de 22 de julho de 1914, transcrita adiante:

Você me diz: “vejo muitos recebendo coisas boas de ti, porque foste capaz de sofrer”. Sua carta foi mais uma importante mensagem para mim, amada Mary.

Espero que esteja aproveitando seus dias de solidão na montanha;   delicioso estar livre de tudo que não   verdadeiro, e ser capaz de viver de uma maneira simples e direta.

Entretanto, eu estou aí, e espero que isto seja tão real para você como   para mim. Tenho andado silencioso, pensativo, e há muitas coisas novas em minha alma. Gostaria de poder dar-lhes forma, mas minhas mãos não conseguem acompanhar minha imagina o.

Fico contente em saber, amada Mary, que nós dois somos capazes de deixar este mundo para tr s, e procurar o verdadeiro mundo, onde viver e ser o que sempre desejamos.

Boa noite, querida Mary. Que Deus a abençoe. (GIBRAN, 1999, p. 38).

Esse sofrimento que se sente pela ausência da mulher amada   também sentido na obra de G eraldy, em muitos de seus poemas. Todavia, para mais testificarmos isso, vejamos a “Distância”, texto desse poeta francês, que pode ser associado  

correspondência de Gibran mencionada anteriormente:

Eu fiquei todo perturbado
quando você telefonou.
Tomei antes todo cuidado,
dispus tudo, nada faltou;
não deixei luz alguma acesa
no quarto, só para esperar.
Eu sentia a frente estalar.
Mas não tinha muita certeza,
tão sozinho, neste ar tão cheio
da promessa da sua voz,
de que viria entre nós
o seu alento, que não veio...
Quando o chamado tilintou,
creio que o meu sangue parou
nas veias por alguns segundos...
E você falou. Eu ouvia.
Mas a sua voz parecia chegar lá do
[fim do mundo.

Ela deve ter percorrido,
de um fôlego, vales, colinas,
planícies, florestas, campinas
e cidades, e ter seguido
estradas, águas, correntezas...
E era por isso, com certeza,
que ela chegava, pobre voz,
tão diferente, tão mudada,
tão débil e tão desbotada,
que nem era você que a s s
comigo falava e sorria
aqui, mas uma sombra fria
ou fantasma da sua voz...
Eu pensei, minha linda inclinada
sobre mim e, se não presente,
ao menos muito aproximada.
Mas pareceu-me, neste instante,
que essa distância era sem conta,
era mil vezes mais distante...
E eu vi você surgir, na ponta
desse fio desesperante,
tão afastada no infinito,
que eu me senti, súbito, diante
do telefone, mais aflito,
mais perdido e mais s  do que antes.
(G ERALDY, 1991, p. 124-126).



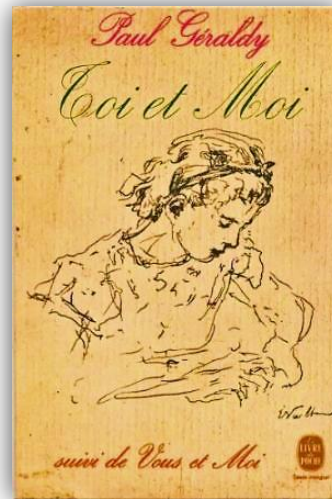
As semelhanças entre as escritas de Khalil Gibran e de Paul G eraldy lembra-nos o que dizia o poeta Vinícius de Moraes na can o “Eu não existo sem você”: “Eu sei e você sabe, já que a vida quis assim / Que nada nesse mundo levará você de mim / Eu sei e você sabe que a distância não existe / Que **todo grande amor s    bem grande se for triste** / Por isso, meu amor, não tenha medo de sofrer / Pois todos os caminhos me encaminham pra você / (...) / Assim como **o poeta s    grande se sofrer** / Assim como viver sem ter amor não   viver / Não há você sem mim, eu não existo sem você” [grifos meus]. Porém, mais que interligados tematicamente, os textos de G eraldy e de Gibran apontam para uma realidade do amor entre os seres humanos: a persistência do sentimento mesmo diante das inúmeras adversidades cotidianas.

Para chegarmos   maciez das pétalas de uma vida conjugal   muito necessário conhecer os espinhos, as asperezas do caminho. São assim, como nos mostra os textos g eraldyano e gibraniano, podemos alcançar   plenitude amorosa,   emo o de uma autêntica “vie en rose” (“vida em cor de rosa”), como cantava Edith Piaf.

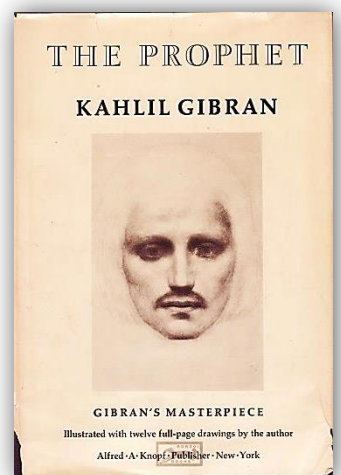
Com dizia Khalil a sua querida Mary, “a dor pode ser criativa. (...) graças a isto que descobrimos coisas — l  dentro nós — que sequer sabíamos da existência” (GIBRAN, 1999, p. 105) para que, citando G eraldy, “O nosso amor... [que] era esta cousa sem valor!...” chegue   apoteose,   magia, a uma conjuga o real do “eu te amo”, que   “a única coisa que perdoa. / E há de haver eu e haver você; seremos dois; seremos isto: uma pessoa e outra pessoa” (G ERALDY, 1991, p. 1991): dois cora es anu dos num são, mesmo que num “tempo depois das almas”, como diria Cecília Meireles, pois “Dieu r unit ceux qui s'aiment” (“Deus reúne os que se amam”), como cantou Piaf em seu poema-can o “Hymne a l’amour” (“Hino ao amor”), em meados do século XX.

Ter , quem sabe, grande valor repensarmos e revisitarmos a poética amorosa nos trabalhos de Paul G eraldy e Gibran Khalil Gibran para os dias

de hoje, mas nada que se compare a essência “amourette” e fascinante desses célebres escritores que mostraram a beleza de amar e de cultivar esse sentimento com a linguagem mais própria para a familiaridade amorosa — o que   demais necessário para o re-encantamento da rela o amorosa no mundo atual, perdido em crises, conflitos, interesses banais, materiais —. Se “  preciso inventar de novo o amor”, como dizia Vinícius ao Tom, então nada melhor que um passeio pelas “Cartas de amor do Profeta” Khalil Gibran e pelas conversas poéticas de Paul G eraldy do “Eu e Você”.



Ilustra o: Capa original do livro “Toi et Moi”, de Paul G eraldy (Foto: reprodu o)



Ilustra o: Capa original do livro “The Prophet”, de Khalil Gibran (Foto: reprodu o)



Marcel Franco   escritor paraense, compositor, crítico literário, professor, pesquisador de religião e literatura, licenciado pleno em Letras/Português (UEPA) e mestre em Ciências da Religião (UEPA). Publicou o livro de poemas “Escadaria”, pela Editora LiteraCidade, em 2015.



CONTA UM CONTO | Marcel Franco

Boa noite, mãe!

Foto: socialspirit.com.br/ Reprodução

Roberval, a pouco, levantou-se. O relógio ia lá pelas duas da madrugada, a brevidade do sono e o frio que espancava as janelas puseram-no fora da cama, com peito nu e com as narinas entupidas de tanto espirrar. Calçou o chinelo e foi até a cozinha tomar um copo com água, beliscando por ali qualquer coisa para tirar o amargo dos instantes mal dormidos.

Remeteu-se na cama e, com o controle remoto na mão, ficou caçando na televisão qualquer coisa até chegarem os carneirinhos. Suas pálpebras começaram a pesar e ele mal conseguiu puxar o edredom até a altura dos ombros quando o sono chegou, pela segunda vez.

Virou-se e revirou-se no colchão inúmeras vezes, Roberval sofria inquietações que não lhe deixavam dormir direito. Talvez resistissem em sua cabeça as preocupações do trabalho ou qualquer coisa demais importante que ele precisava fazer.

Quando estava quase sonhando, o porta-retrato, que estava no seu criado-mudo, caiu, como se alguém tivesse, violentamente, empurrado o objeto até ao chão. Atônito, Roberval acordou com aquele barulho e, ainda sonolento, deu um pulo e ligou a luz do quarto para ver o que

estava acontecendo. Teve um medo súbito de que houvesse algum estranho na sua casa, um ladrão, quem sabe.

Averiguou ao seu redor e logo notou o incidente ocorrido. — Incidente? — pensou consigo mesmo. Não tinha como aquela moldura de madeira pesada cair, naturalmente, dali, até porque estava rodeada de obstáculos: dois livros, um cinzeiro, um rádio relógio e uma imagem de Nossa Senhora. Que coisa estranha!

Ficou muito tempo cismado com aquilo, tentando achar uma solução de Holmes para o caso. Depois, caiu em si, recolheu os pedaços do vidro e jogou-lhes na cesta de lixo. Em seguida, ele pegou a fotografia que estava encoberta pelos fragmentos do porta-retrato e ficou olhando aquela imagem divina com tanta tristeza, capaz de dar pena em que o visse desse jeito.

Envolto em soluços e lágrimas silenciosas, Roberval limpou a foto e a beijou, dizendo: — Não te esqueci, apenas cheguei muito cansado e acabei dormindo! Desculpa, mãe! Sei que velas por mim! Boa noite! Te amo!

O rapaz se deitou, colocou a fotografia ao lado do travesseiro e sossegou-se gostosamente.



POETICÁRIO | Cezar Ubaldo

Poema mágico

Que fossem nobres meus versos
na praça...
qualquer praça do mundo:
arma nas bocas destemidas...
que fossem o alerta
ou mesmo a alvorada.
A pomba gerreando fossem meus versos
o pão dos esfomeado fossem meus versos
a criança mutilada fossem meus versos
o hino dos combatentes fossem meus versos
o teto dos desabrigados,
a pátria nossa de cada dia:
porto dos perseguidos
fé dos desesperados
força dos enfraquecidos
ventre da esperança...
que fossem meus versos.
E, se bordoadas sofressem nas ruelas escuras,
se fizessem chuvas de luz
e fossem o verdadeiro despertar.

* * *

Entre vazios

A noite é devagar.
Entre vazios
Uma melodia é silenciada
E depois
O próprio mar acaba
Navegando
E tudo acaba

